cotidiano

Relator contraria laudo ao pedir absolvição de militar no caso Evaldo

Músico foi morto em ação com 257 tiros disparados por agentes no Rio de Janeiro; crime ocorreu em 2019

Cézar Feitoza

O ministro Carlos Amaral
Pedro Ladeira - 29.fev.24/Folhapress

BRASÍLIA O ministro Carlos Augusto Amaral Oliveira, do STM (Superior Tribunal Militar), colocou em dúvida a conclusão do laudo sobre a morte do músico Evaldo Rosa dos Santos ao justificar a redução das penas de oito militares envolvidos no assassinato, que aconteceu em 2019.

O laudo necroscópico, obtido pela **Folha**, conclui que a morte de Evaldo ocorreu por hemorragia causada por um tiro na cabeça do músico. Segundo a investigação, o disparo que atingiu o crânio de Evaldo só pode ter ocorrido durante uma segunda ação dos militares, ocorrida após a primeira leva de tiros.

Amaral reuniu trechos dos depoimentos de familiares do músico para defender que a vítima pode ter morrido durante a primeira ação dos militares, com um tiro de fuzil que o atingiu nas costas.

Para o ministro, as diferenças entre os depoimentos e o laudo necroscópico sobre o momento exato da morte de Evaldo Rosa levantam dúvidas suficientes para absolver os militares do homicídio, por mais que 257 tiros tenham sido disparados na ação contra as vítimas, segundo perícia.

O debate é relevante, segundo o ministro, porque a dinâmica da ação militar foi dividida em dois atos durante a instrução criminal.

Na primeira parte, o comboio dos militares se depara com o roubo de um veículo e, após perder os criminosos de vista, confunde o carro dos suspeitos com o de Evaldo Rosa e realiza uma série de disparos. No segundo ato, com o carro da vítima parado, o catador de recicláveis Luciano Macedo vai até o veículo e tenta prestar apoio a Evaldo. Os militares veem a cena e realizam novos disparos que atingem ambos.

O ministro Oliveira avalia que, se a morte ocorreu na primeira ação, os militares devem ser absolvidos porque agiram em legítima defesa putativa, na qual o agente acredita se encontrar em situação de ameaça real, mesmo que ela não seja concreta.

A legítima defesa se daria porque os militares acreditavam estar sob risco, já que os reais criminosos haviam fugido e estavam com armas de fogo.

Se a morte ocorreu na segunda ação, quando Evaldo já estava ferido e o cenário não apresentava risco aos militares, a condenação seria por homicídio culposo, segundo a hipótese levantada pelo ministro.

"Depreende-se do laudo pericial que ambos os ferimentos [nas costas e cabeça] foram demasiadamente gravosos, com potencialidade de causar a morte, o que efetivamente ocorreu. Assim, emerge dos autos a dúvida se o senhor Evaldo Rosa já não estaria sem vida em razão do tiro que o atingira nas costas nos minutos que antecederam o segundo fato", disse Amaral, que é brigadeiro da reserva da Aeronáutica.

O ministro ainda diz que, se Evaldo morreu no primeiro tiro que percorreu cerca de 300 metros, perfurou o carro e o atingiu pelas costas, os disparos efetuados contra a vítima na segunda ação não poderiam ser considerados para o crime de homicídio.

"Por essa razão, essa dúvida deve militar em favor dos apelantes no contexto do segundo fato [...] e, dessa forma, acolher a tese do crime impossível, em razão da manifesta impropriedade do objeto, porque o senhor Evaldo já estaria sem vida."

O laudo obtido pela **Folha**, porém, mostra que ao menos dois projéteis foram encontrados no crânio de Evaldo: ambos na base do crânio, próximos ao cerebelo.

Para sustentar a tese de que o laudo pode não estar correto, o ministro Amaral afirmou que os depoimentos da esposa e do sogro de Evaldo dariam conta de que o músico havia perdido as forças e desfalecido logo após o primeiro disparo em suas costas.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Jornalista, foi membro da Academia Goianiense de Letras

HÉLIO ROCHA (1940 - 2024)

SÃO PAULO Autor de 15 livros e membro da Academia Goianiense de Letras, na qual ocupava a cadeira 32, criada para recebê-lo, o jornalista Hélio Rocha dedicou sua vida profissional ao ofício da escrita. Ele morreu de infecção generalizada aos 83 anos, na última terça-feira (5) na capital de Goiás, onde estava internado para tratar de uma infecção urinária.

Rocha foi editor do jornal O Popular, uma das publicações locais de maior circulação, e um dos fundadores do jornal Diário da Manhã. No primeiro, publicou por 40 anos notícias sobre os bastidores da política local na coluna Giro. Os leitores do jornal Opção, que circula em Goiânia, também puderam ler os textos de Rocha ao longo de sua carreira.

Um de seus últimos textos publicados no jornal Opção, em 2022, criticava o transporte público da cidade. Em O Popular, ele publicava editoriais diários.

Nascido em Corumbá de Goiás, cidade localizada a 113 km da capital goiana, começou na carreira aos 19 anos. Ele se mudou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nas revistas Manchete e Fatos e Fotos. O escritor também se formou em ciências sociais pela Universidade Federal de Goiás.

Entre seus livros publicados, "Os Inquilinos da Casa Verde - Governos de Goiás de Pedro Ludovico a Maguito Vilela" é um dos mais citados pelos seus leitores nas redes sociais. Nele, Rocha detalhou os bastidores das gestões dos governadores que ocuparam o Palácio das Esmeraldas, sede do governo de Goiás.

Sua paixão pelo futebol o inspirou a escrever o livro "Verde que te Quero Verde" sobre a história do Goiás Esporte Clube, seu clube do coração. O clube prestou homenagem. "Nossos sinceros sentimentos aos familiares e amigos de Hélio. Que Deus conforte seus corações", diz a nota.

O jornalista também publicou os livros "JK para a Juventude", "Rádio Brasil Central - 60 Anos no Ar", "Farmacêutico Profissional a Serviço da Vida", "Sete Décadas de Goiânia", "Goiânia 75", "90 Anos - Coletânea de Pensamentos", "Folhetim Político - Historietas do Folclore Político Goiano - Crônicas" e "Tu és Pedro", sobre a vida de Pedro Ludovico, o fundador de Goiânia.

Rocha foi homenageado pelo governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil) no dia seguinte à confirmação da morte. "Um dos mais respeitados nomes da imprensa de Goiás", escreveu o político em uma rede social.

O jornalista foi casado por 58 anos com a professora Joana Maria Félix Lousa e Rocha, falecida no ano passado. Ele deixa três filhos, cinco netas e três bisnetos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 10h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 18h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

AGRADECIMENTO

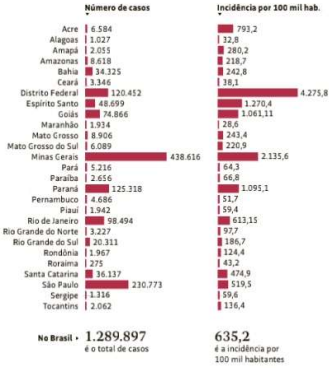
Tito Hesketh, os filhos Cristina, Marcos e Fernanda, e os netos Sophia e Felipe, Oliver, Alice, Luíza, Carolina e Arthur agradecem, de coração, aos amigos da nossa

† **Rita Zucchi Hesketh**

pelo carinho de suas presenças, ao nosso lado, na Missa celebrada em 18 de fevereiro de 2024 pelo 2º aniversário de sua morte terrena; e aos que participaram do ato, mediante mensagens de solidariedade e celebração da sua memória.

saúde

Distrito Federal tem a maior incidência de dengue do país*
Doença avança em menor velocidade nos estados do Nordeste, exceto na Bahia



* Dados de 1º/jan a 6/mar
Fonte: Painel de Monitoramento das Arboviroses do Ministério da Saúde

Brasil registra mais de 19 mil prováveis casos de dengue por dia em 2024

Números do monitoramento do Ministério da Saúde referem-se até 6 de março; total é de 1.289.897 registros, além de 329 óbitos

SAÚDE PÚBLICA

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO De 1º de janeiro a 6 de março de 2024, o Brasil totalizou 1.289.897 casos prováveis de dengue com 329 mortes e outras 767 em investigação, segundo o Painel de Monitoramento de Arboviroses do Ministério da Saúde. Em média, foram 19.544 infecções por dia.

No mesmo período de 2023, o país chegou a 261.434 —média de quatro casos por dia. Ao considerar o ano passado inteiro, houve 1.658.816 infecções e 1.094 óbitos.

Entende-se como casos prováveis todos os notificados, exceto os descartados.

A incidência da doença no país em 2024 —635,2 por 100 mil habitantes— indica epidemia. De acordo com o critério utilizado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) e pelo Ministério da Saúde para a classificação da doença em relação à população, há três níveis de incidência: baixa (menos de 100 casos/100 mil hab.), média (de 100 a 300 casos/100 mil hab.) e alta (mais de 300 casos/100 mil hab.), esta última considerada epidêmica.

Com a seleção do tópico "casos confirmados" no painel de monitoramento do Ministério da Saúde, o número de casos e o coeficiente de incidência caem cai para 586.120 e 286, respectivamente. O mesmo ocorre em cada federação.

O Distrito Federal, por exemplo, tem a maior incidência da doença (4.275,8) com base nos casos prováveis (120.452). Ao filtrar as confirmações, a incidência diminui para 1.334,3 com 37.588 casos prováveis. No dia 5 de março, a reportagem questionou o Ministério da Saúde em relação às discrepâncias encontradas na plataforma, mas não houve resposta até a conclusão deste texto.

SP TEM MAIS SEIS MORTES
O estado de São Paulo registrou nesta quinta-feira (7) mais seis mortes por dengue, totalizando 44 óbitos confirmados e 148 em investigação, segundo o painel de monitoramento. Em um dia, as confirmações em todo o estado aumentaram em 5%, atingindo 160.391 casos

Para Julio Croda, infectologista, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz e professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, as mortes sem confirmação é que dificultam o entendimento da magnitude da doença.

Ele ressalta que os óbitos suspeitos e não confirmados representam uma falha na vigilância do poder público. "O próprio Ministério da Saúde afirma nos seus indicadores e nas coletivas que a letalidade está baixa, só que não considera os óbitos suspeitos. E por quê? Estados e municípios não estão fechando esses dados", afirma.

"Fica muito difícil entendermos o impacto da doença. Só vamos observar isso lá na frente e teremos um retrato do passado. Não fazemos uma vigilância mais atual, que pode direcionar esforços no sentido de evitar as mortes neste momento. Já que temos uma grande epidemia de dengue no Brasil, o objetivo passa a ser não mais evitar casos por conta da dificuldade das medidas preventivas em reduzir a transmissão. Neste ano vamos bater o número de recordes de óbitos."

Nos estados nordestinos, a incidência de dengue está mais baixa em relação ao restante do país, exceto na Bahia (242,8), que totaliza 34.325 casos. É importante observar que, apesar do coeficiente baixo (97,7), Natal, no Rio Grande do Norte, declarou situação de emergência devido à epidemia.

Na opinião do pesquisador, não há como prever se o comportamento da dengue mudará no Nordeste.

"Em alguns estados do Norte [a incidência também] está bem baixa. Observamos a expansão no centro do Brasil para a periferia. Começou mais no Distrito Federal, agora está em São Paulo, no Rio, Espírito Santo e nos estados do centro-sul.